



O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás*. 1. ed. São Paulo: Garamond, 2013. 455p.

Natália Neme Carvalhosa

Mestranda em Sociologia e Antropologia (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

nataliacarvalhosa@hotmail.com

O livro de André Dumans Guedes marca o deslocamento analítico de sua pesquisa antropológica *de* um movimento social para uma pesquisa realizada *no* movimento enquanto espaço físico, em uma cidade no norte de Goiás. Sua pesquisa se enraíza, desde o mestrado, sobre os cursos de formação de militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). No percurso de pesquisa, Guedes se depara com um procedimento que se torna comum no interior do MAB a partir da segunda metade dos anos 1990, os *deslocamentos* de jovens militantes originários do Alto Uruguai para várias locais do país. Esses *deslocamentos* estão relacionados com o nascimento do próprio MAB em 1991, quando membros de diversas organizações envolvidas na luta em oposição à construção de barragens, oriundos de todas as regiões do país, decidiram por uma articulação em um movimento unificado. De todas as regiões de atuação do movimento social, a cidade de Minaçu, com formação de uma secretaria do MAB para “organizar os atingidos” nessa cidade, junto a uma consolidação do movimento no local por garimpeiros, foi o que atraiu o autor para estudar tais relações sociais que, por sua vez, se diferenciavam das demais regiões de atuação do MAB, comumente constituídas de camponeses ou pequenos agricultores.

Sob orientação de Lygia Sigaud e José Sergio Leite Lopes, Guedes deu início à sua tese de doutorado, que posteriormente ganha corpo com esse livro, cujo objeto é a mobilidade no norte de Goiás. O espaço físico do movimento se desenha nas representações sociais de pessoas que não moram, mas *(de)moram* na cidade de Minaçu, no norte de Goiás, e circulam no *trecho* entre Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Brasília, Minas Gerais, Tocantins e entre outras cidades.

Seu principal ponto de partida para análise começa embaixo de uma mangueira, em frente à sede do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), onde as trajetórias dos *(de)moradores* de Minaçu, atuantes nesse movimento social, abrem caminhos para o autor tecer sua estratégia analítica e metodológica das oposições. Essa forma de análise se filia entre os autores da antropologia que trabalham a perspectiva thompsoniana aliada às oposições bourdianas para pensar as transformações no campo brasileiro com a modernização dos anos 1970. Entre esses autores podemos destacar alguns como Beatriz Heredia, Afra-

nio Garcia Junior, Moacir Palmeira, José Sergio Leite Lopes, todos eles colegas de trabalho de Lygia Sigaud. A primeira perspectiva valoriza uma metodologia de microanálise da história, em que a vida dos atores que a fazem é levada em conta como parte de um processo histórico que se constrói ao longo do tempo e se encontra em constante fluxo. A segunda perspectiva traz a metodologia das oposições segundo a qual não só as representações dos espaços, mas também de mundo, são entendidas por meio de categorias que são opostas, porém complementares em seus sentidos e significados. Sob essa metodologia, Dumans Guedes traz sua análise para o campo de discussão de mobilidade na antropologia.

Nesse sentido, o mesmo sugere a existência de uma *tradição* em que os deslocamentos e a mobilidade são coisas esperadas como parte da realidade dos *(de)moradores* de Minaçu, que fazem um pouco menos que morar nessa cidade, ou seja, demoram-se. E é justamente essa mobilidade que o autor retrata como o *coração do livro*, de modo que os sentidos atribuídos a essa categoria caminha longe do conceito de *migração*.

Baseado no trabalho *A invenção da migração*, de Moacir Palmeira e Alfredo Wagner, Guedes mostra que a ideia de migração aparece frequentemente na literatura acadêmica como um movimento do campo para a cidade e, sob essa perspectiva, o deslocamento seria entendido como fruto de acontecimentos excepcionais e o sedentarismo, como o esperado e o *normal*. O movimento, nesse caso, seria entendido como algo secundário. Subordinado à *partida* e ao *destino*, o movimento não teria um valor em si mesmo, seria apenas uma passagem entre dois pontos. Desse modo, o livro se opõe a essa ideia de migração e detém atenção sobre o que está entre esses dois pontos de partida e chegada, como o *mundo e o trecho*.

Através de um apanhado sobre alguns textos clássicos sobre campesinato, Guedes faz referência a trabalhos que tratam a mobilidade ou movimento como algo ordinário às camadas populares brasileiras e à *cultura da andança*. A mobilidade passa a ser entendida como um valor em si mesmo, assim como a família o é no sentido woortmanniano, ou seja, exprime símbolos igualmente carregados de valores e prevê um código que informa a organização do espaço social em dadas esferas.

Desse modo, o objeto do livro vai além dos movimentos e deslocamentos objetivos das pessoas que moram ou passam por lá, tratando, principalmente, das formas através das quais elas pensam essas coisas, atribuindo sentido ao mundo em que vivem. Uma das formas de Guedes colocar isso em evidência é pelo rico vocabulário que essas pessoas em Minaçu compartilham acerca de termos como *trecho e mundo, febres e mãe, os lisos e os cativos* etc., entendendo isso como uma partilha para além do vocabulário, ou seja,

uma partilha de sentidos e valores associados a tais termos.

A partir das oposições mais gerais entre as representações sociais de mobilidade e de imobilidade, o autor destrincha as oposições mais específicas e internas que envolvem relações de gênero, de posição social, de trabalho, de relações etárias das pessoas que vivem em Minaçu. Para além de uma oposição dura entre mobilidade e imobilidade, o autor, seguindo a perspectiva thompsoniana, horizontaliza essas possibilidades de oposição, que, por sua vez, são complementares na perspectiva de Bourdieu. Horizontalizar, nesse sentido, significa pôr em prática uma estratégia analítica e metodológica com vistas a dar conta da alternância de ocupações e atividades na trajetória das pessoas, de modo a entender um *fazer-se* dos movimentos ou da mobilidade. Como em um fluxo, o autor conduz o leitor às diversas possibilidades de oposição e de entendimento sobre a complementaridade entre o movimento e o estático – o que dura ou é duro – bem como o caráter relacional dos mesmos. Os movimentos aqui são contrapostos principalmente às suas durações. A observação das diferentes velocidades, do que dura e se sustenta em meio a casas que emitem uma aparência de que as pessoas partirão a qualquer momento, a figura da mãe e a extensão das relações de parentesco perante o *mundo* são uma das formas usadas pelo autor para pôr em prática essa perspectiva do movimento.

O contexto dessas relações sociais se delinea no marco das construções das usinas Serra da Mesa e Cana Brava, que teriam modificado toda uma dinâmica de mobilidade que havia desde os tempos de garimpo em Goiás. O alagamento das áreas onde extraíam ouro na região perturbou os negócios e a vida doméstica local. A perda de renda após o fim do trabalho temporário nas barragens teria motivado alguns dos *(de)moradores* de Minaçu a fazer parte do MAB, estimulando a consolidação desse movimento social em Minaçu.

Com foco nas origens e trajetórias dos habitantes de Minaçu, principalmente os das camadas populares, Guedes defende que a observação desses habitantes revela o papel que o deslocamento, o movimento e a agitação de suas vidas têm sobre esses grupos sociais. Sob influência da metodologia etnográfica de Malinowski, sua inserção no campo apresentou a estratégia, como ele mesmo denomina, de um recorte “frouxo”, em que buscava fazer proliferar os diferentes “contextos de situação” acerca das ocupações e atividades na trajetória das pessoas de modo que essas experiências ganham sentido, são articuladas e contextualizadas por valores e categorias que perpassam todas elas. Totalizando seis meses distribuídos em três viagens, entre 2008 e 2009, Guedes conviveu assiduamente no ambiente da secretaria do

MAB em Minaçu e esteve presente nas atividades de que participavam militantes do MAB, entre elas, cursos de formação de militantes. A maior parte dos depoimentos usados para compor o livro resultam de entrevistas gravadas e realizadas nos seus últimos dias de trabalho de campo ou reconstituídos a partir de suas notas de campo, constituindo um complexo mapeamento das formas de pensar e entender o movimento em Goiás.

No capítulo 1, “As febres e as mães”, as trajetórias dos atores analisados permitem que o autor analise a formação de duas dinâmicas socioespaciais opostas. Por um lado, a cidade de Minaçu surge a partir de uma grande mineradora sob a extração de amianto, o que levou à fixação ou estabilização de trabalhadores de outras cidades brasileiras no local, onde fixaram moradia. Por outro lado, as febres aparecem e desaparecem em sua transitoriedade, marcando os tempos das andanças do ouro, da cassiterita e das barragens, onde os trabalhadores não se estabilizavam por muito tempo em um só local. Nesse início do livro, André Dumans Guedes mostra como a Sama S/A, empresa mineradora que nos anos 1960 respondeu pelo surgimento e povoamento de Minaçu, é associada à figura de *mãe* dos *(de)moradores* da cidade, enquanto os moradores pioneiros teriam sido *filhos* dessa empresa. Tal associação estaria relacionada à duração de dois movimentos que se opõem: a *mãe* representaria o estável, o durável, e já o *mundo*, tudo aquilo que é instável, que circula e contém as efemeridades das febres.

As formas de trabalho na empresa e nos garimpos são contrapostas em suas durações e sentidos também. Por outro lado, o significado de escravidão, ante o imobilismo provocado pela empresa diante da dinâmica do garimpo, é constantemente mobilizado pelos *(de)moradores* da cidade. Ainda assim, Dumans Guedes mostra que os *(de)moradores* de Minaçu não defendem o fechamento da empresa. O constante medo da “cidade acabar” sob exemplo de cidades vizinhas, leva os *(de)moradores* da cidade a entenderem que o funcionamento da mineradora deve ser mantido, mesmo com as constantes denúncias e medidas para regulamentar e restringir o uso do amianto e reduzir seus respectivos males a saúde.

Em outra via, o ideário construído ao longo do tempo sobre o dinheiro obtido no garimpo como *maldito*, *efêmero*, ou até mesmo sobre a associação entre os garimpeiros e as crianças, por seus impulsos ao gasto impensado, relativizam qualquer oposição mais simplista entre bom e ruim. Junto a esse ideário, o sentido da febre é associado também a uma paixão, ao que é efêmero e intenso e muitas vezes admirado por alguns *(de)moradores*. Diante dessa discussão, Guedes mostra que nem toda a riqueza é facilmente dissipável; as riquezas referentes às febres têm suas dinâmicas sociais e significados particulares. Nesse ponto o au-

tor observa que, em contraposição ao ouro, a pepita, bem como o modo como ela é representada por seus atores, indica algo sólido, durável. Ouro e pepita são representados também sob gêneros, o ouro é masculino, efêmero, circulando no *mundo* e a pepita, feminina, segura e estável em casa. Do mesmo modo, no domínio do *mundo* predomina o masculino e no domínio da casa predomina o feminino, respectivamente em oposição. Porém essa oposição é relativa e maleável, existem suas exceções, a exemplo das mulheres que circulam no trecho e no mundo, as denominadas *espanholas*, que são as moças que saem da cidade para trabalhar como faxineiras, dançarinas ou prostitutas na Espanha e na Suíça após o fim do garimpo.

No capítulo 2, “Os lisos e os cativos”, outra oposição é utilizada como um recurso para entender o processo social que se desenvolve após as barragens e a extinção do garimpo, a qual se dá sob o corte geracional entre pais e filhos. Ou, em outras palavras, entre os antigos garimpeiros que têm família para sustentar e não puderam sair da cidade com o fim dos garimpos e das obras das barragens, e os jovens saudáveis do sexo masculino para quem trabalho não falta, principalmente longe de Minaçu.

Entre os antigos garimpeiros, os mais velhos, Guedes descobre um processo comum: a idealização do passado. Imobilizados, sem *poder andar* após a construção dos empreendimentos, seus entrevistados mais velhos de Minaçu trazem as representações do que significa para eles a escravidão e o cativo, em outras palavras, da imobilidade compulsória, em contraposição à vida que levavam no passado, de movimentos mais constantes.

Em face da imobilidade e dos baixos salários da firma, os antigos trabalhadores do garimpo ressaltavam que a garimpagem possibilitava ascensão social e igualitarismo, quando lidavam com certa *generosidade* do patrão, muitas vezes associados à figura de pai; ou seja, nessa atividade viviam uma relativa extensão das relações de parentesco, bem como a mobilidade e a autonomia da vida de garimpo. Do outro lado, os jovens lidam com uma frequente rotatividade e instabilidade de trabalho, sem amarras ou bagagens pesadas, como sustentar família, por exemplo, podendo *sair no liso*, repentinamente, para trabalhar em outras regiões.

Essa oposição entre antigos e jovens se reflete na diferença de velocidade entre *sair no liso* – poder trabalhar em outra cidade sem levar ou sustentar familiares, filhos ou esposa – e *puxar a carreta* – ter que levar familiares para a cidade em que trabalha ou sustentar filhos e esposa. Desse modo, o autor mostra como dois grupos apresentam de maneira diferenciada as transformações na cidade de Minaçu. Se para os mais jovens a possibilidade de empregos aumenta, para os mais velhos as dificuldades são significativas.

No capítulo 3, “Os trechos e os peões”, essa oposição é levada para outros espaços e condições. *Trecho*, conforme o autor mostra, se refere à categoria utilizada pelos (*de*)*moradores* de Minaçu para tratarem sobre a experiência de trabalhadores, em geral jovens e homens, que se empregam em firmas (mineradoras, hidrelétricas, empreiteiras) para ocupações temporárias longe de seus locais de origem ou moradia. Entre a oposição do *trecho* e *família*, mostra como a vida no *mundo*, longe de casa, no *trecho*, é contraposta aos laços e obrigações que caracterizam a família. Esses campos se estendem ao outro em uma complexa negociação, de modo que ambos são conectados quando o autor aborda a mobilidade como um valor assim como a família. Em alguns casos, o que é a casa de uma pessoa pode ser o *trecho* de outra pessoa e vice-versa; se por um lado o *trecho* traz imprevisibilidades e perigos, por outro produz também efeitos educativos, que ensinam assim como os pais. Em outros, a relação com o patrão sendo comparado a um pai enquanto o *peão* se encontra no *trecho* mostra indícios da extensão do domínio familiar por meio das relações sociais no *trecho*.

No capítulo 4, “Corridos e lidos”, têm lugar as transformações acerca das categorias *corridos*, os que correm o *trecho*, os garimpeiros, os *lidos*, aqueles que sabem ler, e os *doutores*, que são vistos como de uma escala social elevada, em geral associados como *ricos*, tanto no sentido financeiro como no sentido de conhecimento. A oposição entre *corridos* e *lidos*, analisada da ótica dos *corridos* é relatada de forma a ser suavizada ao longo das transformações em Minaçu, de modo que um universo de práticas e hábitos passa a entrecruzar o outro. Em outras palavras, os *lidos* desempenham, em alguns momentos, o papel de *corridos* com os *deslocamentos* promovidos pelo MAB, enquanto os *corridos* desempenham o papel dos *lidos* ao lidarem com as atividades de formação de militância do MAB.

A relação entre os que leem e os que não leem é entendida também em termos de posição social para os *corridos*. Os que leem são entendidos no geral como *ricos* e os que não leem como *pobres*. Os *lidos*, além de uma condição social privilegiada, teriam uma capacidade de abstração maior nas atividades de leituras, enquanto os *corridos* teriam uma relação metonímica com a realidade, em que a história seria sempre entendida a partir de provas, de elementos que indiquem que de fato aquilo que está escrito aconteceu, seja por um tesouro enterrado, seja pelas imagens. Guedes passeia pela possibilidade de as *folhas brancas* desempenharem um papel de abstração ao ponto de desterritorializarem e reterritorializarem ao mesmo tempo, o que geraria uma desconfiança dos (*de*)*moradores* em relação à possibilidade de as *folhas brancas enganarem o povo*. Os papéis produziriam, com sua abstração, um isolamento do mundo; logo, eles duram e descontextualizam.

A partir disso, o autor argumenta que o regime dos signos dos *corridos* apresentavam certa autonomia para organizar e orientar a vida de Minaçu; as pessoas aprendiam *andando no mundo, e viviam e aprendiam no mundo*. A desconfiança e o sentimento de não haver necessidade de se tornar um *lido* foram se modificando após os empreendimentos no local. A chegada do MAB, com seus cursos de formação, aliada à busca de inserção nas relações de trabalho, cada vez mais difíceis para os mais velhos, começou a gerar mudanças na forma de entender a relação com os *lidos*. Os *lidos*, ao chegarem pelo MAB, passam a desfrutar mais das *andanças* que os *corridos* têm em seu cotidiano. Os cursos de formação de militância, em sentido geral, seriam ritos de passagem entre margens opostas dos *corridos* para os *lidos* e *ricos*, ou seja, um meio de ascensão social e, portanto, de mobilidade.

O capítulo 5, “O movimento e o social”, trata de explicar a transformação por que passa o MAB em sua forma de atuação na cidade, que vai de seu período ativo de “movimento”, de ocupações, para uma atuação mais assentada às políticas sociais. Esse capítulo mais uma vez marca a oposição entre mobilidade e estabilidade. Aqui observamos que, em vez de ser o foco central somente o movimento social, a cosmologia dos (*de*)*moradores* de Minaçu ganha mais espaço e prepara o terreno para se entender como o MAB era entendido e visto por seus integrantes na cidade pela ótica da mobilidade. Essa forma de abordagem, por meio do campo de discussão da mobilidade, permite a construção de uma análise que não recai na investigação sobre a reação automática da atuação dos atingidos pelos empreendimentos locais. Valoriza e explicita a voz dos atingidos sem necessariamente mostrá-los como meras vítimas, mas como atores ativos, como agentes transformadores, pensantes e produtores de símbolos metonímicos ou não sobre a realidade.

Assim, este livro, ao horizontalizar ao longo dos capítulos as oposições entre mobilidade e imobilidade, mediante narrativas dos (*de*)*moradores* de Minaçu, oferece uma leitura clara e rica dessa relação complementar, de modo a sugerir que uma categoria, não só depende como também ajuda a compreender a outra. Desgarrando o leitor da ideia comumente pensada sobre o movimento entre ponto de partida e ponto de chegada, o livro oferece uma contribuição para explicar a mobilidade em dimensões complexas e para além da ideia de migração. Se, por um lado, essa horizontalidade não poupa o leitor de repetições descritivas ao longo do livro, ainda assim as narrativas dos (*de*)*moradores* de Minaçu ganham uma perspectiva madura e sofisticada –, herança do que havia sido iniciado pelos antropólogos que se ocuparam do processo de modernização do campo no Brasil a partir da década de 1970.

Referências

BOURDIEU, P. A casa Kabyle e o mundo às avessas. *Cadernos de Campo*, n. 8, São Paulo, 1999.

GARCIA JR., A. R. *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. UnB/MCT-CNPq, 1990.

HEREDIA, B. M. A. de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEITE, J. S. L. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PALMEIRA, M.; ALMEIDA, A. W. B. *A invenção da migração: projeto emprego e mudança socioeconômica no Nordeste* (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1977. (Mimeografado).

THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In: WELCH, C. A. et al. *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

Data de recebimento da resenha: 2/9/2014

Data de aprovação da resenha: 30/9/2015